

SOBRE A FALA NO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL: UM CAMINHO DA LIBERDADE HUMANA?

UPON SPEAKING (PAROLE) IN COURSE IN GENERAL LINGUISTICS: A ROAD TO HUMAN FREEDOM?

Edmundo Narracci Gasparini ³³

RESUMO: A fundação do campo da Análise do Discurso por Michel Pêcheux na França no final dos anos 60 é marcada por uma referência à Linguística, a Ferdinand de Saussure e ao *Curso de Linguística Geral*. Se por um lado Pêcheux reconhece a absoluta importância do deslocamento saussuriano que estabelece a língua como objeto da Linguística, o *Curso* é também alvo de uma crítica, especificamente no que se refere ao conceito saussuriano de fala, que segundo Pêcheux seria um reduto da liberdade individual. A retomada do *Curso de Linguística Geral* feita no presente artigo indica, em contraste com a crítica de Pêcheux, que a fala está na dependência da língua, que não há fala que não se desdobre em estrita consonância com a diferença na ordem própria da língua, o que permite problematizar a ideia de que a fala saussuriana seria um espaço de liberdade individual.

PALAVRAS-CHAVE: Fala. Língua. Discurso. Liberdade.

ABSTRACT: The establishment of Discourse Analysis in France in the late sixties by Michel Pêcheux is characterized by references to Linguistics, to Ferdinand de Saussure and to the *Course in General Linguistics*. On the one hand, Pêcheux recognizes the importance of the saussurian operation which establishes language (*langue*) as the object of Linguistics. On the other hand, the *Course* is criticized by Pêcheux, who states that the saussurian concept of speaking (*parole*) corresponds to a space of individual freedom. The discussion about the *Course in General Linguistics* that is held in this article indicates, in contrast with Pêcheux's criticism, that speaking is closely dependent upon language, which allows us to question whether Saussure's *parole* is indeed a space of individual freedom.

KEYWORDS: Speaking. Language. Discourse. Freedom.

Na fundação do campo da Análise do Discurso por Michel Pêcheux na França no final dos anos 60, não são escassas as referências à Linguística, a Ferdinand de Saussure e ao *Curso de Linguística Geral*. A fundação da Análise do Discurso e a constituição do objeto discurso são marcadas por uma retomada crítica da Linguística e do *Curso*, retomada que colocará em cena um elemento essencial para a caracterização do registro do discurso: a exterioridade da história e das relações sociais como constitutiva da significação.

No que se refere ao *Curso de Linguística Geral*, Michel Pêcheux não deixa de reconhecer a absoluta importância do deslocamento conceitual operado por Ferdinand de Saussure no ato de estabelecimento da língua como objeto de estudos da Linguística. Por outro lado, o *Curso* é também alvo de uma crítica de Pêcheux, especificamente no que se refere ao conceito de fala aí elaborado. Segundo Pêcheux, a fala saussuriana aparece como “um caminho da liberdade humana” (PÊCHEUX, 1997, p. 71). Na argumentação do autor, o conceito de fala no *Curso de Linguística Geral* seria eminentemente ideológico, na medida em que colocaria em cena o engodo de uma liberdade individual do falante. Se por um lado é relevante para Pêcheux, ao fundar o campo da Análise do Discurso, questionar a perspectiva de uma liberdade do falante – uma vez que a ele interessa colocar em destaque as determinações sócio-históricas da significação, em ruptura com a perspectiva de uma liberdade individual – seria de fato sustentável o posicionamento do autor segundo o qual a fala saussuriana colocaria em cena uma “liberdade humana”? Eis a questão que pretendemos discutir neste artigo. Abordaremos também a crítica, feita no âmbito da Análise do Discurso, à

³³ Professor do Departamento de Letras, Artes e Cultura e do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: gaspar@ufsj.edu.br

analogia assim como trabalhada no *Curso*, uma vez que em tal crítica é possível vislumbrar o questionamento de Pêcheux ao conceito saussuriano de fala.

A discussão realizada neste artigo pretende contribuir com a reflexão acerca das relações entre a Linguística, tal como entendida a partir de Saussure, e o campo da Análise do Discurso, tal como fundado por Michel Pêcheux. Face à reflexão sobre o tema já feita no âmbito da Linguística brasileira³⁴, o presente artigo propõe uma retomada do *Curso de Linguística Geral*, de forma que a pergunta aqui formulada – qual seja, seria sustentável a indicação de Pêcheux segundo a qual a fala saussuriana seria um espaço de “liberdade humana”? – possa ser respondida a partir de uma detida reflexão sobre alguns elementos do *Curso*.

No texto *Análise Automática do Discurso*, tese universitária defendida por Pêcheux em 1968 e considerada por vários autores como momento inaugural da teoria que constitui o discurso como objeto de estudo (cf. LEITE, 1994), Michel Pêcheux afirma que, até o *Curso de Linguística Geral*, o estudo de uma língua correspondia ao estudo de textos. As perguntas que se colocavam a respeito de um texto qualquer eram perguntas sobre as ideias nele contidas, e também sobre a adequação do texto às normas da língua. Segundo Pêcheux, o *Curso de Linguística Geral* promove um deslocamento conceitual fundamental: a língua passa a ser abordada em seu *funcionamento* como sistema, deixando de ser entendida em sua *função* de expressar o sentido. Nessa perspectiva, é impossível que o texto seja o objeto da Linguística: é a língua (e não o texto) que possui um funcionamento. O deslocamento saussuriano, de acordo com Pêcheux, indica que “o que funciona é a *língua*, isto é, um conjunto de sistemas que autorizam combinações e substituições reguladas por elementos definidos, cujos mecanismos colocados em causa são de dimensão inferior ao texto” (PÊCHEUX, 1997, p. 62, destaque do autor).

Na tese de 1968, Pêcheux discute a oposição entre a língua – “a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo” (SAUSSURE, 1974, p. 22) – e a fala – “um ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 1974, p. 22) – assim como elaborada no *Curso de Linguística Geral*. Pêcheux afirma que tal oposição autoriza a reaparição do falante como uma unidade de intenções conscientes, como um “avesso indispensável” ao sistema:

[...] esta oposição autoriza a reaparição triunfal do sujeito falante como *subjetividade em ato*, unidade ativa de intenções que se realizam pelos meios colocados a sua disposição; em outros termos, tudo se passa como se a linguística científica (tendo por objeto a língua) liberasse um resíduo, que é o conceito filosófico de sujeito livre, pensado como o avesso indispensável, o correlato necessário do sistema. A fala, enquanto uso da língua, aparece como um *caminho da liberdade humana*; avançar no caminho estranho que conduz dos fonemas ao discurso é passar *gradatim* da necessidade do sistema à contingência da liberdade, como o sugere esse texto de Jakobson, que, é verdade, muitas outras indicações vão corrigir (PÊCHEUX, 1997, p. 71-72, destaques do autor)

Na discussão feita por Pêcheux (1997), a reaparição do “conceito filosófico de sujeito livre” no *Curso de Linguística Geral* seria uma espécie de resíduo decorrente da oposição entre a língua e a fala. Esse resíduo poderia também ser identificado, segundo Pêcheux, na ideia de Roman Jakobson, presente no texto *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*, segundo a qual avançar na escala linguística que vai do nível dos fonemas ao domínio do discurso corresponderia a “passar *gradatim* da necessidade do sistema à contingência da liberdade” (PÊCHEUX, 1997, p. 72): ao cabo desta passagem gradual, despontaria a fala

³⁴ Cf. as contribuições de Flores (1997), Gregolin (2005), Cruz (2006), Baronas e Sargentini (2007) e Piovezani (2008).

como espaço da liberdade do locutor. A afirmação de Jakobson à qual Pêcheux se refere na citação acima é a seguinte:

Assim, existe na combinação das unidades linguísticas uma escala ascendente de liberdade. Na combinação dos traços distintivos em fonemas, a liberdade do locutor individual é nula; o código já estabeleceu todas as possibilidades que podem ser utilizadas na língua em questão. A liberdade de combinar os fonemas em palavras é circunscrita, é limitada à situação marginal da criação de palavras. Na formação das frases a partir de palavras, a coerção que o locutor sofre é menor. Enfim, na combinação das frases em enunciados, a ação das regras coercitivas da sintaxe para e a liberdade de todo locutor particular aumenta substancialmente, ainda que seja preciso não subestimar o número dos enunciados estereotipados (JAKOBSON, 1971, p. 38)

Se por um lado parece ser possível identificar, nessa passagem do texto de Jakobson, a perspectiva de uma “liberdade do locutor” no âmbito da “combinação das frases em enunciados”, em que medida seria de fato possível aproximar, como o faz Pêcheux, a argumentação de Jakobson às elaborações de Saussure no *Curso de Linguística Geral*? Se, de fato, a fala comparece no *Curso* como “um ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 1974, p. 22), como a parte da linguagem da qual “o indivíduo é sempre senhor” (SAUSSURE, 1974, p. 21), o conceito de fala no *Curso* estaria integralmente subsumido à perspectiva de uma liberdade individual?

A argumentação desenvolvida por Pêcheux no texto *Análise Automática do Discurso* sobre o conceito de fala se aproxima das elaborações do autor no livro *Semântica e Discurso*, de 1975. Nesse livro, Pêcheux indica que a fala é “o ponto de fragilidade do edifício saussuriano” (PÊCHEUX, 1988, p. 245), é “o mais fraco elo” (PÊCHEUX, 1988, p. 245) desse edifício. Segundo Pêcheux, o conceito saussuriano de fala seria um anticonceito ideológico que “oculta a ‘lacuna’ aberta pela definição científica da língua como sistematicidade em funcionamento” (PÊCHEUX, 1988, p. 245). De acordo com o autor, a oposição entre a fala (que colocaria em cena, segundo Pêcheux, uma “subjetividade criadora”) e a língua (na condição de uma “objetividade sistêmica”) “tem as propriedades circulares de um par ideológico” (PÊCHEUX, 1988, p. 60).

Em *Análise Automática do Discurso*, a discussão feita por Pêcheux sobre as consequências da oposição entre língua e fala elaborada no *Curso de Linguística Geral* cumpre uma função importante, pois fundamenta a elaboração de pontos essenciais na caracterização da instância do discurso: no que se refere ao discurso, não é de uma “liberdade humana” que se trata; antes, “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas” (PÊCHEUX, 1997, p. 77, destaque do autor). Pêcheux toma como exemplo o discurso de um deputado na Câmara: na visada saussuriana, segundo o autor, esse discurso colocaria em cena a liberdade do falante. Trata-se para Pêcheux de colocar em destaque que o discurso desse deputado se insere “no interior da relação de forças existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado” (PÊCHEUX, 1997, p. 77, destaque do autor), correspondendo, portanto, a “um certo lugar no interior de uma formação social dada” (PÊCHEUX, 1997, p. 77, destaque do autor). Assim, Pêcheux coloca em cena “a relação necessária entre um discurso e seu lugar em um mecanismo institucional extralinguístico” (PÊCHEUX, 1997, p. 77). Entretanto, se por um lado as considerações de Pêcheux sobre a oposição entre a língua e a fala elaborada no *Curso de Linguística Geral* cumprem uma função importante no texto *Análise Automática do Discurso*, seria sustentável a indicação do autor segundo a qual a fala no *Curso de Linguística Geral* colocaria em cena a “liberdade do falante”?

Para que seja possível discutir as questões levantadas aqui, retomaremos alguns elementos do texto *Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem*, escrito por Cláudia de Lemos. Segundo Lemos (1995), na abordagem da língua como ordem própria, Saussure exclui dela a esfera individual, isto é, aquilo que pertence à fala. A autora indica que “o que é excluído retorna como indagação sobre o espaço livre que a língua deixa para ‘o próprio da fala’, identificado por ele [Saussure] à ‘liberdade das combinações’” (LEMOS, 1995, p. 12). Na argumentação da autora, portanto, esse elemento excluído acaba retornando na forma de uma interrogação sobre o espaço livre que a língua deixa para o falante, argumentação que contrasta com a afirmação de Michel Pêcheux de que a oposição entre a língua e a fala teria como consequência o ressurgimento do “conceito filosófico de sujeito livre” (PÊCHEUX, 1997, p. 71). Lemos faz uma afirmação importante: “O individual que retorna é o que se dá na esfera da fala, definida agora como espaço do não-previsto, onde se pode exercer a ‘liberdade das combinações’” (LEMOS, 1995, p. 12). Vale destacar, a partir da afirmação da autora, a possibilidade de abordar a fala como “espaço do não-previsto”, o que contrasta com a indicação de Pêcheux segundo a qual a fala corresponderia a um espaço de liberdade individual.

Segundo Lemos (1995), pode-se vislumbrar o retorno desse elemento excluído na discussão sobre os eixos sintagmático e associativo no *Curso de Linguística Geral*. Fundamentando-se nessa discussão, a autora destaca a imprevisibilidade que os eixos sintagmático e associativo colocam em cena, e aponta para o impasse referente à dicotomia língua vs. fala que aí desponta. Vale destacar a seguinte indicação presente no *Curso*, e também citada por Lemos em seu texto: “Cumprir reconhecer [...] que no domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual” (SAUSSURE, 1974, p. 145). Sobre essa questão, gostaríamos também de destacar que, segundo a argumentação desenvolvida no *Curso*, as relações que se estabelecem no eixo associativo, situando-se fora da cadeia da fala, “fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo” (SAUSSURE, 1974, p. 143, destaque meu). Amparados na argumentação desenvolvida por Lemos (1995), perguntamos: a “língua de cada indivíduo” é lugar no qual o elemento excluído, referente ao registro individual da fala, comparece como um impasse concernente à dicotomia língua vs. fala?

Em seu texto, Lemos (1995) se interroga sobre o que seria a “liberdade” que os eixos sintagmático e associativo colocam em cena: o que a língua, levando-se em conta as restrições impostas por ela, deixa como espaço para o falante? A autora retoma então um elemento das elaborações presentes no *Curso de Linguística Geral* sobre o funcionamento simultâneo dos agrupamentos sintagmáticos e associativos. Dessas elaborações, destacaremos aqui o seguinte trecho:

Nossa memória tem de reserva todos os tipos de sintagmas mais ou menos complexos, de qualquer espécie ou extensão que possam ser, e no momento de empregá-los, fazemos intervir os grupos associativos para fixar nossa escolha. Quando alguém diz *vamos!*, pensa inconscientemente em diversos grupos de associação em cuja interseção se encontra o sintagma *vamos!* Este figura, por um lado, na série *vai! vão!*, e é a oposição de *vamos!* com essas formas que determina a escolha; por outro lado, *vamos!* evoca a série *subamos! comamos!* etc., em cujo interior é escolhida pelo mesmo procedimento; em cada série, sabemos o que é mister variar para obter a diferenciação própria da unidade buscada. Mude-se a ideia a exprimir, e outras oposições serão necessárias para fazer aparecer um outro valor; diremos por exemplo *vão!* ou *subamos!*

Por conseguinte, não basta dizer, colocando-se num ponto de vista positivo, que se toma *vamos!* porque significa o que se quer exprimir. Em realidade, a ideia invoca, não uma forma, mas todo um sistema latente, graças ao qual se obtêm as oposições necessárias à constituição do signo. Este não teria, por si só, nenhuma significação própria. (SAUSSURE, 1974, p. 150-151)

As elaborações presentes no *Curso* indicam, por conseguinte, que as séries associativas interveem na escolha de um termo. É a oposição entre termos na série associativa que determina a escolha, a nos guiarmos pela argumentação desenvolvida no trecho acima. Ainda de acordo com esse trecho, a ideia invoca “não uma forma, mas todo um sistema latente”. Ou seja, não basta dizer, acerca da escolha de uma forma em detrimento de outras, que essa forma significaria “o que se quer exprimir”. O que está em questão aqui é o efeito de “todo um sistema latente” na escolha. A partir das elaborações de Saussure no *Curso de Linguística Geral*, Lemos indica que “A liberdade das combinações se reduz assim à escolha pelo indivíduo saussuriano de um caminho dentre caminhos que ele não escolheu” (LEMOS, 1995, p. 15). A autora realiza, portanto, um deslocamento da “liberdade” em direção à “imprevisibilidade”, indicando que é possível abordar a imprevisibilidade como “efeito da diferença” (LEMOS, 1995, p. 18) existente no âmbito da língua.

Da discussão feita por Cláudia de Lemos (1995), gostaríamos também de destacar a afirmação de que haveria uma diferença fundamental entre o indivíduo saussuriano e o locutor individual de Jakobson. Segundo Lemos, o locutor de Jakobson encontra-se submetido às unidades estratificadas no código, contudo ele teria no texto (na “combinação das frases em enunciados”) seu reduto de liberdade. Em contraste, o indivíduo saussuriano “está sempre sujeito a um funcionamento da língua, já que restrição e imprevisibilidade não se distribuem de forma desigual entre fonema e palavra, sentença e texto” (LEMOS, 1995, p. 15-16). De acordo com a autora, portanto, a relação do indivíduo saussuriano com a língua está em cena não importa o nível de estratificação em questão, do fonema à combinação de frases em enunciados. Esta indicação permite questionar a aproximação feita por Michel Pêcheux (1997) entre a fala saussuriana e a liberdade do locutor de Jakobson.

Abordar a imprevisibilidade na condição de um efeito da diferença na língua – pois a língua, de acordo com o *Curso de Linguística Geral*, “não pede mais que a diferença” (SAUSSURE, 1974, p. 138) – articula-se, portanto, à ideia de que, qualquer que seja o nível de estratificação considerado, a relação do falante com a língua está sempre em cena: “o indivíduo está sempre sujeito a um funcionamento da língua” (LEMOS, 1995, p. 15). Para Michel Pêcheux (1997), como vimos, a oposição entre a língua e a fala autoriza “a reparação triunfal do sujeito falante como *subjetividade em ato*, unidade ativa de intenções” (PÊCHEUX, 1997 p. 71). Por sua vez, as elaborações de Cláudia de Lemos (1995) indicam que aquilo que foi excluído por Saussure na delimitação da língua retorna na condição de um impasse referente à dicotomia língua vs. fala. Se, como indicamos anteriormente, a fala de fato comparece no *Curso* como “um ato individual de vontade e inteligência” (SAUSSURE, 1974, p. 22), como a parte da linguagem da qual “o indivíduo é sempre senhor” (SAUSSURE, 1974, p. 21), a discussão feita por Cláudia de Lemos (1995) sobre as relações associativas e sintagmáticas indica, por outro lado, que *não há fala sem língua*, isto é, não há fala que não se desdobre em estrita consonância com a diferença na ordem própria da língua.

A crítica à ideia de uma liberdade do falante é um elemento importante para a delimitação do campo da Análise do Discurso. Entretanto, essa crítica – que fundamenta a abordagem do “*lugar* [onde se posiciona o falante] no interior de uma formação social dada” (PÊCHEUX, 1997, p. 77, destaque do autor) – se apoia numa leitura da dicotomia saussuriana língua vs. fala que não considera uma questão fundamental, destacada por Cláudia de Lemos (1995) em sua discussão sobre as relações sintagmáticas e associativas assim como elaboradas

no *Curso de Linguística Geral*: o falante está sempre sujeito à língua, sendo a imprevisibilidade um efeito da diferença na língua ³⁵.

As questões que discutimos aqui podem também ser abordadas a partir do texto *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso*, escrito por Michel Pêcheux, Claudine Haroche e Paul Henry e publicado em 1971 na revista *Langages*. Nesse texto, que se propõe a explicitar os fundamentos de uma “semântica discursiva”, vislumbramos a ideia de que a semântica demanda uma “mudança de terreno ou de perspectiva” (PÊCHEUX; HAROCHE; HENRY, 1990, p. 136, tradução minha ³⁶), pois a Linguística não poderia recobrir completamente o campo da semântica. No texto de 1971, os autores propõem-se a discutir a mudança de terreno mencionada, considerada imprescindível para um tratamento não-ideológico da questão da significação.

Pêcheux, Haroche e Henry (1990) afirmam que, a despeito da ausência do termo “semântica” no *Curso de Linguística Geral*, há no livro elementos fundamentais para uma discussão sobre a significação. Os autores retomam então os conceitos de valor e de analogia assim como trabalhados no *Curso*, de forma a levantar questões relevantes para a mudança de terreno proposta. No presente artigo, interessa-nos abordar a discussão feita por Pêcheux, Haroche e Henry acerca do conceito de analogia pois, segundo os autores, as elaborações saussurianas esboçam uma dialética entre a língua como sistema e a fala como reduto da liberdade criativa do indivíduo. Entretanto, seria sustentável a argumentação dos autores do texto de 1971 de acordo com a qual as considerações sobre a analogia no *Curso* colocariam em cena uma “ideologia individualista e subjetivista da ‘criação’” (PÊCHEUX; HAROCHE; HENRY, 1990, p. 142, tradução minha ³⁷)? Eis a questão que gostaríamos de discutir agora.

Antes, porém, retomemos alguns elementos das elaborações sobre a analogia presentes no *Curso de Linguística Geral*. De acordo com tais elaborações, a analogia, “juntamente com as mudanças fonéticas, é o grande fator de evolução das línguas, o processo pelo qual estas passam de um estado de organização a outro” (SAUSSURE, 1974, p. 189). Outra indicação importante refere-se a que a criação analógica se fundamenta na imitação regular de um modelo: “Uma forma analógica é uma forma feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada” (SAUSSURE, 1974, p. 187, destaques do autor). Encontramos no *Curso* o exemplo da criação analógica do termo latino *honor*:

Assim, o nominativo latino *honor* é analógico. A princípio se disse *honōs* : *honōsem*, depois, por rotacismo do *s*, *honōs* : *honōrem*. O radical tinha, desde então, uma forma dupla; tal dualidade foi eliminada pela nova forma *honor*, criada sobre o modelo de *ōrātor* : *ōrātōrem* etc., por um procedimento que estudaremos logo e que reduzimos desde já ao cálculo da quarta proporcional: *ōrātōrem* : *ōrātor* = *honōrem* : x
x = *honor*

(SAUSSURE, 1974, p. 187-188)

³⁵ É importante mencionar aqui o trabalho de Cruz (2006), que discute se entre o saussurismo e a escola francesa de Análise do Discurso haveria ruptura ou continuidade. Em sua discussão acerca da indicação, feita por Michel Pêcheux, de que haveria em Saussure um retorno do sujeito “psicológico”, o autor faz uma afirmação que se encontra em consonância com nossa argumentação neste artigo: “A afirmação segundo a qual Saussure teria feito abstração de uma subjetividade é portanto problemática; é, ainda, problemática a ideia de um ‘retorno’ do sujeito em Saussure e sobretudo, retorno de um sujeito ‘psicológico’, noção que Saussure parece claramente rejeitar quando de seu diálogo com Whitney. Para este último, o gênero humano seria o ‘inventor’ da linguagem, o que nos remete à existência de uma razão primitiva governando seu funcionamento. Para Saussure, ao contrário, trata-se de pressupor uma relação de radical dependência do sujeito em relação à língua, de modo que esses dois elementos se constituem mutuamente, não havendo razão senão histórica” (CRUZ, 2006, p. 177).

³⁶ Em francês: “changement de terrain ou de perspective.”

³⁷ Em francês: “idéologie individualiste et subjectiviste de la ‘création’”.

Portanto, contrabalançando o efeito diversificante da mudança fonética (a transformação de *honōsem* em *honōrem* por rotacismo do *s*³⁸), a analogia unificou as formas mais uma vez e restabeleceu a regularidade (*honor* : *honōrem*). Se o fenômeno da mudança fonética é um fator de perturbação da língua, a analogia “se exerce em favor da regularidade e tende a unificar os processos de formação e de flexão” (SAUSSURE, 1974, p. 188).

Essencial no *Curso* é a indicação de que o fato analógico é um drama constituído por três personagens: a unidade legítima (*honōs*), o concorrente (*honor*) e uma personagem coletiva, constituída pelas formas que criaram esse concorrente (*honōrem*, *ōrātor*, *ōrātōrem*, etc.). A menção à personagem coletiva é fundamental, pois “para explicar o aparecimento de *honor* em face de *honōs*, cumpre invocar outras formas” (SAUSSURE, 1974, p. 192). É como uma conclusão acerca dessa discussão que se afirma que “tudo é gramatical na analogia” (SAUSSURE, 1974, p. 192). Vale destacar que a reflexão saussuriana sobre a Gramática – reflexão que se afasta de uma perspectiva normativa, isto é, da formulação de regras que permitam distinguir, numa língua, as formas corretas das incorretas – indica que “quem diz gramatical diz sincrônico e significativo” (SAUSSURE, 1974, p. 156). Na visada saussuriana, a Gramática está em estreita articulação com o eixo sincrônico, no qual o que está em questão é a ordem própria da língua e as relações diferenciais aí existentes. Assim, a afirmação de que “tudo é gramatical na analogia” indica que a criação analógica é um fenômeno intimamente relacionado à diferença inscrita na ordem da língua.

No texto *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso*, Pêcheux, Haroche e Henry reconhecem que o *Curso de Linguística Geral* inova ao indicar que “tudo é gramatical na analogia” (SAUSSURE, 1974, p. 192). Em consonância com a indicação de que a analogia “é inteiramente gramatical e sincrônica” (SAUSSURE, 1974, p. 193), os autores afirmam que a criação analógica, assim como discutida no *Curso*, não remete apenas à questão da criação de uma forma nova, mas também à ideia de que “as unidades [da língua] não existem senão através da coesão do sistema de oposições e de relações” (PÊCHEUX; HAROCHE; HENRY, 1990, p. 137, tradução minha³⁹). É nesse sentido que, segundo os autores, as elaborações sobre a analogia no *Curso de Linguística Geral* estabelecem uma “ponte” entre sincronia e diacronia. Se a analogia se refere a um fenômeno de criação de uma forma nova, isto é, a um fenômeno diacrônico, ela também coloca em cena o próprio sistema, as formas aí existentes. A partir da argumentação de Pêcheux, Haroche e Henry (1990), é possível dizer que a abordagem da analogia no *Curso* permite vislumbrar “a autonomia e interdependência do sincrônico e do diacrônico” (SAUSSURE, 1974, p. 103), isto é, o fato de que “a relação que une ambas as coisas [um sistema estabelecido e sua evolução] é tão íntima que se faz difícil separá-las” (SAUSSURE, 1974, p. 16). As considerações saussurianas sobre a analogia permitiriam, portanto, vislumbrar a relação estreita entre a mudança da língua e a língua como sistema, relação que remete à “ponte” entre sincronia e diacronia mencionada por Pêcheux, Haroche e Henry (1990).

Entretanto, os autores do texto de 1971 afirmam que as considerações sobre a analogia no *Curso de Linguística Geral* colocam em cena a dialética do par liberdade / sistema: “Uma ponte é assim estabelecida entre sincronia e diacronia mas, ao mesmo tempo, é esboçada uma dialética à qual teremos que retornar, particularmente a propósito do par liberdade / sistema” (PÊCHEUX; HAROCHE; HENRY, 1990, p. 137, tradução minha⁴⁰). No que se refere a essa questão, Pêcheux, Haroche e Henry afirmam que os pares “liberdade / restrição” e “criatividade / sistema” – pares que remetem à oposição entre a fala e a língua e que, segundo

³⁸ Rotacismo refere-se à mudança fonética que consiste na substituição de um som pelo do [r] alveolar.

³⁹ Em francês: “les unités n'existent que par la cohésion du système des oppositions et des relations.”

⁴⁰ Em francês: “Un pont est ainsi établi entre synchronie et diachronie mais, en même temps, est esquissée une dialectique sur laquelle nous aurons à revenir, en particulier à propos du couple liberté / système.”

os autores, são colocados em cena pelas considerações saussurianas sobre a analogia – apresentam as propriedades circulares de um “par ideológico”, no qual cada um dos termos pressupõe o outro. A mudança de terreno discutida pelos autores possibilitaria uma abordagem do sentido que romperia com essa circularidade ideológica, com a “ideologia individualista e subjetivista da ‘criação’” (PÊCHEUX; HAROCHE; HENRY, 1990, p. 142, tradução minha⁴¹), uma vez que tal mudança possibilitaria abordar a determinação sócio-histórica da significação, em ruptura com a perspectiva ideológica de uma criação “livre” e “individual”. Entretanto, cabe perguntar mais uma vez: embora o questionamento à perspectiva de uma criação livre, na dependência da vontade do indivíduo, seja relevante para a mudança de terreno proposta por Pêcheux, Haroche e Henry em 1971, seria sustentável a afirmação de que a analogia, assim como trabalhada no *Curso*, coloca em cena a ideologia da criação “livre” e “individual”?

Com o intuito de fundamentar a ideia de que na criação analógica, assim como discutida no *Curso de Linguística Geral*, se esboça a dialética do par liberdade / sistema, Pêcheux, Haroche e Henry (1990) retomam afirmações presentes no *Curso* que se seguem à indicação de que a analogia é de ordem gramatical, afirmações que, de acordo com os autores, colocariam em cena a mencionada dialética: 1- a analogia “supõe a consciência e a compreensão de uma relação que une as formas entre si. Enquanto a ideia nada representa no fenômeno fonético, sua intervenção se faz necessária em matéria de analogia” (SAUSSURE, 1974, p. 191-192); 2- “a criação, que lhe constitui o fim, só pode pertencer, de começo, à fala; ela é a obra ocasional de uma pessoa isolada” (SAUSSURE, 1974, p. 192). Segundo Pêcheux, Haroche e Henry (1990), tais afirmações colocam em cena um subjetivismo individual, uma vez que para Saussure a “ideia” seria inteiramente subjetiva e individual. Os autores acrescentam que se a intervenção da “ideia” se faz necessária no que se refere à analogia, deve-se necessariamente passar pela fala e o sujeito individual no que concerne à criação analógica. Contudo, resta perguntar: o que está em jogo na indicação, presente no *Curso*, de que a intervenção da “ideia” se faz necessária quando se trata da criação analógica? No trecho do *Curso* destacado pelos autores, a “ideia” parece remeter à consciência e à compreensão de uma relação que une as formas entre si. Seria de fato possível afirmar que a “ideia” para Saussure é inteiramente subjetiva e individual?

Encontramos no *Curso de Linguística Geral* uma afirmação fundamental: “A analogia nos ensina, portanto, uma vez mais, a separar a língua da fala [...]; ela nos mostra a segunda como dependente da primeira e nos faz tocar com o dedo o jogo do mecanismo linguístico, tal como descrito na p. 150 s.” (SAUSSURE, 1974, p. 192). O mecanismo linguístico mencionado nessa passagem refere-se ao funcionamento simultâneo dos agrupamentos associativos e sintagmáticos. Assim, a separação entre a língua e a fala, à qual somos conduzidos pelo fenômeno da analogia, coloca em cena a perspectiva de que não há fala sem língua, sem o funcionamento do mecanismo linguístico nos eixos sintagmático e associativo. É nesse sentido que, segundo encontramos no *Curso*, “Toda criação [analógica] deve ser precedida de uma comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua, onde as formas geradoras se alinham de acordo com suas relações sintagmáticas e associativas.” (SAUSSURE, 1974, p. 192).

Advém aqui a possibilidade de abordar a “ideia” não apenas em sua articulação à consciência e à compreensão de uma relação que une as formas entre si (cf. SAUSSURE, 1974, p. 191), mas também à “comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua” (SAUSSURE, 1974, p. 192). Embora o estatuto da “ideia” no *Curso* seja indefinido, acreditamos que o elemento fundamental aí não é o seu caráter subjetivo e individual, mas sim sua articulação com a *relação* entre as formas depositadas no tesouro da

⁴¹ Em francês: “idéologie individualiste et subjectiviste de la ‘création’”.

língua. Em nossa leitura, portanto, antes de remeter a um subjetivismo e a um individualismo, é à diferença na ordem própria da língua que a “ideia” remete. A esse respeito, vale destacar que, de acordo com a afirmação citada por Pêcheux, Haroche e Henry (1990), “a ideia nada representa no fenômeno fonético” (SAUSSURE, 1974, p. 191-192). A “ideia” não intervém no fenômeno fonético porque, ao contrário da criação analógica, ele não está na dependência de uma comparação das formas da língua, como o demonstra a seguinte passagem, referente à transformação de *honōsem* em *honōrem*:

Na passagem fonética do *s* intervocálico a *r*, em latim (cf. *honōsem* → *honōrem*), não vemos intervir nem a comparação de outras formas, nem o sentido da palavra: é o cadáver da forma *honōsem* que passa a *honōrem*. Ao contrário, para explicar o aparecimento de honor em face de *honōs* [uma criação por analogia], cumpre invocar outras formas [...] (SAUSSURE, 1974, p. 192)

Vimos que, com o intuito de sustentar o posicionamento de acordo com o qual as elaborações de Saussure sobre a analogia colocariam em cena a perspectiva de uma dialética entre sistema e liberdade, na qual despontaria a liberdade do falante, Pêcheux, Haroche e Henry (1990) retomam do *Curso* a ideia de que a criação analógica pertence inicialmente à fala, sendo a obra ocasional de uma pessoa isolada. Entretanto, é fundamental destacar a distinção mencionada logo após a afirmação de que a analogia é obra de uma pessoa isolada:

Por conseguinte, tudo é gramatical na analogia; acrescentemos, porém, imediatamente, que a criação, que lhe constitui o fim, só pode pertencer, de começo à fala; ela é a obra ocasional de uma pessoa isolada. É nessa esfera, à margem da língua, que convém surpreender primeiramente o fenômeno. Cumpre, entretanto, distinguir duas coisas: 1.º a compreensão da relação que une as formas geradoras entre si; 2.º o resultado sugerido pela comparação, a forma improvisada pelo falante para a expressão do pensamento. Somente esse resultado pertence à fala. (SAUSSURE, 1974, p. 192)

É importante atentar para a distinção entre “a compreensão da relação que une as formas geradoras entre si” (SAUSSURE, 1974, p. 192) – o que remete ao funcionamento da língua – e “o resultado sugerido pela comparação, a forma improvisada pelo falante para a expressão do pensamento” (SAUSSURE, 1974, p. 192). De acordo com as elaborações presentes no *Curso*, apenas esse resultado pertence à fala – resultado que, entretanto, está na dependência de “uma compreensão da relação que une as formas geradoras entre si”. Em última instância, “a forma improvisada pelo falante” está na dependência da língua como ordem que não pede senão a diferença.

A reflexão sobre a analogia desenvolvida no *Curso de Linguística Geral* aponta para a existência de uma criação que, em contraste com as elaborações de Pêcheux, Haroche e Henry no texto de 1971, não coloca em cena a liberdade do falante, mas sim a “comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua, onde as formas geradoras se alinham de acordo com suas relações sintagmáticas e associativas” (SAUSSURE, 1974, p. 192). As considerações sobre a analogia presentes no *Curso de Linguística Geral* nos permitem vislumbrar a perspectiva segundo a qual a criação analógica pode ser considerada uma criação que não é feita senão a partir das possibilidades fornecidas pela língua. Nesse sentido, fica confrontada com um impasse a indicação, feita por Pêcheux, Haroche e Henry

(1990), de que as considerações sobre a analogia no *Curso* esboçam uma dialética entre a língua como sistema e a fala como reduto da liberdade criativa do indivíduo ⁴².

Embora a crítica à ideia de uma liberdade individual seja um elemento relevante no estabelecimento do discurso como objeto de estudo e na própria fundação do campo da Análise do Discurso, tal crítica, quando direcionada à fala e à criação analógica assim como trabalhadas no *Curso de Linguística Geral*, não leva em consideração um elemento fundamental, destacado por Cláudia de Lemos (1995) em sua discussão sobre as relações sintagmáticas e associativas: o falante está sempre sujeito à língua, não há fala que não esteja na dependência da língua e das relações diferenciais aí existentes. O mesmo pode ser dito a respeito da analogia: não há criação analógica que não se sustente na diferença inscrita na ordem própria da língua.

Resta indicar que num momento posterior da trajetória teórica de Michel Pêcheux o seu posicionamento em relação ao *Curso de Linguística Geral* se altera sensivelmente, a crítica à fala saussuriana como caminho da liberdade humana cede espaço para uma consideração conjunta do *Curso* e do estudo de Saussure sobre os anagramas (cf. PÊCHEUX; GADET, 2004). Importa também destacar que, a despeito da crítica de Pêcheux (1997, 1988) ao conceito de fala e da crítica formulada por Pêcheux, Haroche e Henry (1990) ao conceito de analogia, a mudança de terreno fundadora da Análise do Discurso está em consonância com o estabelecimento da língua como objeto da Linguística por Ferdinand de Saussure. A esse respeito, importa dizer que, pelo menos num momento inicial da trajetória teórica de Pêcheux, a língua como sistema, assim como estabelecida no *Curso de Linguística Geral*, é um elemento fundamental na Análise do Discurso. Num primeiro momento da trajetória de Pêcheux, a língua é abordada como uma base linguística – possuidora de um funcionamento fonológico, morfológico e sintático –, base na qual se desdobram os processos discursivos constitutivos da significação. A língua com a qual Pêcheux está às voltas nesse momento não é senão a língua assim como estabelecida por Saussure no *Curso de Linguística Geral*. Nesse sentido, a fundação do campo da Análise do Discurso não deixa de atualizar o deslocamento conceitual operado por Saussure, a ruptura instaurada por Saussure no estabelecimento da língua como objeto da Linguística. Esperamos que o presente artigo, com o seu questionamento às críticas feitas a Saussure e ao *Curso de Linguística Geral*, contribua para um esclarecimento das relações entre Linguística e Análise do Discurso no momento de fundação do campo por Michel Pêcheux.

REFERÊNCIAS

BARONAS, R. L.; SARGENTINI, V. M. O. O Curso de Linguística Geral: apontamentos de uma leitura da Análise do Discurso. *Revista do GEL*, S. J. do Rio Preto, v. 4, n. 2, p. 43-52, 2007.

CRUZ, M. A. O saussurismo e a escola francesa de Análise de Discurso: ruptura ou continuidade? 207 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2006.

⁴² Deve-se mencionar aqui o trabalho de Baronas e Sargentini (2007), que aborda a leitura feita por Pêcheux, Haroche e Henry (1990) acerca da analogia no *Curso de Linguística Geral*. Segundo Baronas e Sargentini, essa leitura articula-se ao projeto político da Análise do Discurso, no qual fazia-se necessário fechar as portas a qualquer irrupção de um “antropologismo psicologista”. Os autores afirmam que “a leitura do CLG feita por Michel Pêcheux e exposta no artigo *Semântica e o corte saussuriano*, principalmente no tocante ao conceito de analogia, está fortemente marcada pelo viés político, militante da Análise do Discurso. A segunda e terceira recepção do CLG produziu uma unidade na qual era preciso fechar todas as portas para as leituras que permitissem um possível retorno do sujeito” (BARONAS; SARGENTINI, 2007, 50).

FLORES, V. Elementos de Análise do Discurso para uma epistemologia da Linguística. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 41-59, 1997.

GREGOLIN, M. R. V. Michel Pêcheux e a história epistemológica da Linguística. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, n. 1, p. 99-111, 2005.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: **Linguística e Comunicação**. São Paulo, Cultrix, 1971, p. 34-62.

LEITE, N. **Psicanálise e Análise do Discurso** – o acontecimento na estrutura. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994, 204 p.

LEMOS, C. Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 30, n. 4, p. 9-28, 1995.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F. e T. HAK (orgs.) **Por uma análise automática do discurso** – uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 61-161.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso** – uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988, 317 p.

PÊCHEUX, M., HAROCHE, C. e HENRY, P. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. In: MALDIDIER, D. **L'inquietude du discours**. Paris: Editions de Cendres, 1990, p. 133-153.

PÊCHEUX, M. e GADET, F. **A língua inatingível** – o discurso na história da linguística. Campinas: Pontes Editores, 2004, 223 p.

PIOVEZANI, C. Saussure e o discurso: o Curso de Linguística Geral lido pela Análise do Discurso. **Alfa**, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 7-20, 2008.

Submetido em 27/07/2016

Aceito em 18/10/2016